

ARCO-ÍRIS NO CAMPO: ETNOGRAFIA DA “HOMOSSEXUALIDADE” MASCULINA NO AMBIENTE RURAL

Pedro Henrique Azevedo da Silva Paiva

RESUMO

O ambiente rural caracteriza-se por uma região não urbanizada. É o campo em contraponto com a cidade. A zona rural sempre foi classificada como um ambiente repressor e conservador, já a cidade tem como características o anonimato e a liberdade. Na lógica que a heterossexualidade é normatizada em todos os ambientes, uma comunidade campal tem enraizadas questões como o machismo e a heteronormatividade de forma mais intensa que o ambiente urbano, por conta de questões geográficas e de valores socioculturais. Contudo, existe uma alegação que em comunidades rurais há uma consumação de práticas sexuais entre adolescentes homens, ou seja, uma prática sexual gay durante a puberdade masculina. A pesquisa em tela busca comprovar a existência destas práticas “homossexuais”, bem como interpretar a dinâmica que as envolvem a fim de compreender como se performatiza a identidade social destes moços. Tendo por base a etnografia, foi realizada uma pesquisa de campo, nos moldes tradicionais da observação participante de cunho antropológico, durante três meses de intenso convívio social na comunidade camponesa Olhos Cristais (nome fictício) do município de Baraúna/RN, em que se observou toda a conjuntura expressa através do cotidiano por diversos momentos e espaços de sociabilidade. Também foram realizadas conversas individuais com quatro rapazes. Os rapazes tinham de 19 a 23 anos de idade, e através da história oral fizeram todo um resgate do aspecto estudado, no que diz respeito à vivência particular de cada um. De fato, as práticas sexuais e afetivas entre rapazes da zona rural existem e não estão concentradas apenas na adolescência, pois se expressam também até a fase adulta da vida, como foi perceptível. Pensar estas práticas é compreender um mundo de dupla face, onde o âmbito particular e o público assumem formas muitas vezes contrastantes, demonstrando um poder influente e coercitivo da sociedade no processo de construção performativa da identidade deles, em que os rapazes se moldam aos valores e costumes nativos a fim de obter uma convivência pacífica e longe de preconceitos, assumindo uma identidade às vezes contraditória, mas nunca deixando de usufruir dos variados prazeres da vida.

Palavras-Chave: Homossexualidade. Zona Rural. Identidade.

1. CAMINHOS PERCORRIDOS SOBRE O SOLO RACHADO

“Perigoso é te amar, doloroso querer
Somos homens pra saber o que é melhor pra nós
O desejo a nos punir, só porque somos iguais”
(Averso - Jorge Vercillo).

Em um cenário de pouco verde e muita quentura, de uma tranquilidade inimaginável e uma tradição fervorosa enraizada nas terras, que apesar das rachaduras, são extremamente férteis, existem plantas e pessoas que vivem em plena adaptação em seu “habitat”, todas buscando a sobrevivência em meio a uma realidade tão dura. Longe de ser uma percepção preconceituosa ao denominar a zona rural como um ambiente conservador de seus valores e opressor de práticas divergentes, a afirmativa tem por base a apreensão da conjuntura cultural, social, política e econômica expressa que cristalizou uma forma de vida que deve ser seguida sem nenhum questionamento.

Em Olhos Cristais, constantemente ouve-se a declaração irrefutável: “o homem foi feito para mulher e a mulher foi feita para o homem” e toda pessoa que não seguir o “decreto soberano” será excluída, reprimida e não será vista com “bons olhos”. Na puberdade, conflituosos sentimentos nos rodeiam, e é nesta fase que os meninos de Olhos Cristais permitem-se sentir as variadas sensações possíveis, como o prazer estimulado por uma relação homossexual, desviando de algumas “raízes”, rompendo com os padrões e infringindo com a “lei”. Já próximo à fase adulta, o jovem camponês redime suas práticas “ilícitas”, pede perdão a Deus e tudo fica bem, pelo menos durante um tempo. Adaptando-se cotidianamente, este busca mecanismos que sustentem seus desejos mais profundos, um destes está fundamentado na seguinte afirmativa “ninguém deixa de ser homem porque *comeu*

um viado¹⁴”, o “comer” é importante, mas o que está além desta “comida” mostra-se bem mais instigante para a pesquisa etnográfica.

Compreendendo que em Antropologia o que as praticantes fazem é etnografia, ao entender a prática desta pode-se apreender a análise antropológica como forma de conhecimento. A análise é escolher entre as estruturas de significação e determinar sua base social, bem como sua importância. Contudo, etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante, mas é acima de tudo uma descrição densa, que condiz à descrição interpretativa e microscópica da realidade estudada (GEERTZ, 2008). Esta também pode ser percebida como uma representação do real, uma verbalização da vitalidade. Nesta lógica, assimilando toda a completude e abrangência da etnografia, utilizaremos deste método como fonte de pesquisa sociocultural e investigação científica, tendo em vista, claro, que os bons textos da Antropologia são simples e despretensiosos.

Foram realizadas em média três conversas individuais com cada rapaz, numa perspectiva dialógica, em algumas destas foi possível utilizar o gravador. Nas primeiras conversações foi possível sentir que eles estavam um pouco envergonhados, nada que o relativismo não pudesse compreender. Já nos últimos diálogos, em que existia todo um entrosamento, várias informações importantes foram coletadas e percebidas. Como por exemplo, a contrastante realidade de Olhos Cristais.

14 Frase dita por um jovem da comunidade, que não é um dos interlocutores, em uma roda de conversas entre homens que ocorria em uma das calçadas das residências da comunidade, ao anoitecer.

UMA REALIDADE CONTRASTANTE: OLHOS CRISTAIS E SEUS RAPAZES

“Eles amaram de qualquer maneira, vera
Qualquer maneira de amor vale a pena”
(Paula e Bebeto – Milton Nascimento).

Olhos Cristais é uma comunidade rural cuja fundação está datada em 1882. Segundo os moradores mais antigos, o surgimento desta se deu quando alguns caçadores que rodeavam aquelas terras avistaram uma vertente d'água jorrando do chão, tendo em vista que escassez de água é natural do clima semiárido no qual a região é comportada, aquela redondeza logo se transforma em um lugar propício a se viver, e a partir de então o povoado se compõe. Olhos Cristais encontra-se no município de Baraúna/RN, que está localizado no extremo oeste potiguar, fazendo divisa com o Estado do Ceará, sendo uma cidade de pequeno porte que tem na economia grandes empresas do agronegócio e do calcário e uma fábrica de cimento. As pessoas nativas afirmam que a comunidade surgiu primeiro que a cidade e por questões de interesse político esta foi desprivilegiada.

A comunidade Olhos Cristais, que também é chamada de sítio, atualmente tem em média 200 habitantes, distribuídos em 55 famílias, onde a maior parte da população é adulta, ou seja, corresponde à faixa de 18 a 59 anos de idade. Estruturalmente, o sítio dispõe de uma escola pública na qual funciona a primeira fase do Ensino Fundamental, duas igrejas (uma católica que faz devoção ao Santo Expedito e uma evangélica denominada Assembleia de Deus), um posto de saúde, uma “bodega” que é um pequeno estabelecimento comercial, um bar/restaurante, uma quadra de esportes, um campo de futebol, um poço com cata-vento, o olho d'água, quatro pequenas fazendas que ficam nos arredores e o povoado central. Tanto a socialização quanto a sociabilidade, são vivenciadas em vários destes cenários.

Por muito tempo a principal atividade econômica de Olhos Cristais foi a agricultura de subsistência, mas por conta de todas as transformações da sociedade contemporânea que chegam a atingir também esse contexto, estas ações assumem uma nova configuração, contendo muitas (pessoas) trabalhadoras assalariadas, as que mais se destacam são as empregadas domésticas, cuja atividade é destinada mais para as mulheres, e os trabalhos de peões, em vários segmentos atribuídos aos homens. Também existem as aposentadas e algumas servidoras públicas. Contudo, a prática da agricultura, criação de animais e caça ainda existem, mas são coadjuvantes nesta perspectiva econômica e com um caráter bem específico de consumo pessoal e familiar.

O ambiente rural caracteriza-se por uma região não urbanizada. É o campo em contraponto com a cidade. Ultimamente áreas rurais e urbanas não são facilmente identificáveis, pelo fato de uma ampla integração que vem incidindo sobre elas. No entanto algo é sabido, diferentemente da cidade que se pode vivenciar um maior anonimato e liberdade, a zona rural se caracteriza por relações sociais intensas entre todas as pessoas da comunidade que convivem diária e acentuadamente. Todas as pessoas se conhecem, não de forma superficial, mas de cunho profundo e geracional. Nas rodas de conversas, quando não se conhece a pessoa de quem se fala, é comum ouvir expressões como: “filha de fulana”, “prima de beltrana”, “neta de sicrana”, querendo atribuir de qualquer forma uma característica sobre a “desconhecida”. Quando alguém desconhecido caminha pela comunidade, isso já se torna motivo de comentários, às vezes tenebrosos, às vezes curiosos. É comum nos finais de tarde grupos de pessoas ficarem em frente às suas casas trocando uns “dedos de prosa” e é bem frequente que estas fofocem sobre quem caminha, sejam apontamentos de caráter bondoso ou malicioso, destarte, a fofoca torna-se uma forma de controle social.

Tendo em vista que a sexualidade no ocidente é transcorrida por um vivo caráter heteronormativo, características comumente conferidas ao ambiente rural como a repressão e o conservadorismo levam sexualidades, que são “divergentes” (VELHO, 2003) do contexto em tela, a uma possível migração para as cidades, que alguns autores chamaram de “diáspora gay” (MARTINS; ROSA, 2013). No entanto, tem que se ter o cuidado com “as discursividades desenvolvimentistas e heteronormativas que reproduzem a verdade não questionada de um “urbano” civilizador que deve se sobrepor a um “rural” a ser civilizado” (GONTIJO; COSTA, 2012, p. 183), devemos ser críticos a estes discursos hegemônicos. No caso da pesquisa desenvolvida, foi possível localizar a existência de algumas práticas sexuais “divergentes” em meio à comunidade rural, bem como *identidades performativamente construídas* (BUTLER, 2010) que não seguem a lógica da *heterossexualidade compulsória* (RICH, 2010), claro que não igualmente como nas metrópoles, mas de qualquer forma com toda uma dinâmica sociocultural, que este estudo buscará compreender.

2. ENTRE “VIADOS” E “MACHÕES”: (RE) PENSANDO AS CATEGORIAS BASILARES

“Eu ouvia a mãe dizer:
 Ai meu Deus como eu queria
 Que essa cabra fosse home
 Cabra macho prá danar”
 (Homem com H - Ney Matogrosso).

De início o objetivo era apenas comprovar a existência da consumação do ato sexual entre adolescentes através da história oral, já que os interlocutores são todos adultos. No desenrolar da pesquisa, as finalidades foram assumindo outra lógica, cujo motivo primordial para esta mudança foi a verificação que as práticas sexuais homoafetivas perpassam a fase da puberdade masculina e poderiam perdurar até os dias atuais.

Como pensar a existência da homossexualidade em uma realidade que não tem nenhum gay assumido? Em Olhos Cristais não existe nenhum gay, pelo menos declarado. Se for pensar em trejeitos femininos, existem pouquíssimos homens que detêm, no entanto todos são casados com mulheres e se autodeclaram “cabra macho”. Dos quatro rapazes estudados apenas um deles é efeminado, e este, pelo que relatou, sofreu bastante discriminação na adolescência comparado aos outros rapazes.

Em Olhos Cristais, desde a tênue infância, crianças convivem cotidianamente ouvindo expressões como viados, boiolas, baitolas, bichas, frescos, etc. todas denotando descrédito sobre quem se fala, por conseguinte contribuirá para o estigma social da categoria homossexual, “estigma é entendido como a situação da pessoa que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFAM, 1988). Além da questão oral, existe uma rejeição e até repúdio a essas pessoas. No campo, presenciamos falas do tipo: “não quero você andando com o viadinho de beltrana, viu?”. Esta foi uma imposição de uma mãe para seu filho em referência a um garoto gay que já morou no sítio e hoje reside na cidade e estava visitando seus parentes.

A heteronormatividade é incorporada, muitas vezes de forma inconsciente, até por crianças. Presenciou-se uma circunstância que confere esta afirmação. Um menino de três anos de idade que estava brincando com o pai, em um determinado momento pegou um objeto pontiagudo, seu pai logo tomou e em seguida o menino aos berros disse “baitola”, no sentido de querer “xingá-lo”. Claro que a criança com esta idade não sabe o que é de fato um homossexual, mas já absorveu que esta palavra é utilizada para macular uma pessoa.

Na adolescência, especificadamente entre os garotos, o uso destas palavras depreciativas é contínuo e habitual. Em todas as observações feitas nos ambientes de sociabilidade foi evidente o uso de frases do tipo: “tu é viado, é macho?”, “a bichinha de fulana”, “vá

dar esse cu, vá”, entre outras. Todas menosprezando a orientação homossexual. Desta forma é impossível conhecer alguém que se afirme como gay, sabendo o quão excludente e opressora é a realidade heteronormativa que se vive, então o mais viável se torna assumir uma identidade aceita e invisível. É intrigante pensar em um discurso de repressão tão forte ao mesmo tempo de uma prática que o opõe tão viva, aqui se aplica a dicotomia do público e do privado, onde a identidade é performatizada de acordo com o ambiente.

Isto leva a pensar sobre a proliferação de discursos sobre sexo que Foucault (2011) apresenta. Para ele, foi o próprio poder que incitou essa proliferação de discursos, através da igreja, da escola, da família, do consultório médico. Essas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual, mas o controle das pessoas. Realmente, apesar da tamanha discursividade repressora sobre os homossexuais, os atos sexuais gays não foram diminuídos, muito embora se perceba um saber/poder que repousa coercitivamente sobre todas.

Um outro ponto que deve ser discorrido é sobre a questão de gênero vivenciada no meio rural, tema bastante influente para este trabalho. “Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer desvio é reprimido e recupera-se o 'bom comportamento'” (FRY, 1985). Na ótica que as atitudes e os comportamentos relacionados ao feminino e ao masculino são frutos de uma ética, de uma política de uma cosmologia, ou seja, são construções socioculturais,

“a divisão entre os sexos está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivo das coisas em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.” (Bourdieu, 1999; p. 17).

O machismo e o patriarcado, cotidianamente, são expressos “natural” e explicitamente em Olhos Cristais. Os garotos estão sempre na rua, praticando algum esporte ou brincadeira violenta, constantemente vão ao “mato” para pegar ou matar pássaros, em época de chuvas vão aos açudes das comunidades vizinhas, ou seja é uma vida que cultua a liberdade e a agressividade. Já as meninas levam uma vida extremamente monótona, passam boa parte do tempo realizando atividades domésticas em sua própria residência e nas casas dos familiares, raramente se vê estas brincando nas ruas. É inadmissível garotos realizarem atividades domésticas, tanto seus colegas quanto seus familiares repreenderão tal atividade. Em geral, qualquer comportamento ou atitude feminina tida por um homem será visto com rejeição, pois associam logo à homossexualidade.

A ideia de feminilidade do homem é apreendida pela sociedade como algo depreciativo. Representa uma inferiorização da condição feminina pela dominação masculina. Joaquim, o único dos interlocutores que apresenta trejeitos femininos, disse que antes era bem mais efeminado e agora se percebe bem mais viril. Para Bourdieu (1999) “a virilidade é construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construído, primeiramente, dentro de si mesmo”. Na adolescência, segundo Joaquim, por conta de sua feminilidade, algumas mães e pais proibiram seus filhos de andarem com ele, até os próprios amigos o zombavam, isso fez com que Joaquim mudasse seus comportamentos e atitudes almejando uma aceitação social, ou seja, incorporando uma *masculinidade hegemônica* (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) que neste contexto diz respeito ao “cabra macho penetrador”, seguindo assim os padrões específicos de masculinidade desta realidade. Independente de quem pratica os atos sexuais homoafetivos, o estigma sempre recai de forma abrupta sobre aquele que é feminino e acima de tudo penetrado, diferencialmente do “macho” que é másculo e penetrador.

Desta forma duas categorias se destacam, os viados/bichas/baitolas e os machões. De acordo com a conceitualização de Fry (1985), “a bicha é um homem que tende a desempenhar tarefas normalmente associadas às mulheres”. Já “o rapaz que desempenha o papel masculino é chamado de homem ou de machão”. Refletir sobre a categoria que se aplica ao jovem rural de Olhos Cristais é pensar que os “viados” existem fortemente no discurso social (muito se fala em viado num contexto que este não “existe”) e na realidade empírica todos os rapazes são aparentemente e se (auto) identificam “machos”. Enfim, temos que levar em conta também a existência de pessoas que buscam transparecer um papel sexual que justifique a regra aceita, mas que na privacidade rompem com todos os paradigmas.

3. O QUARTETO E A IDENTIDADE PÓS-MODERNA

“Estruturou-se um troca-troca
e os quatro: hum-hum... o qué... tá bom... é...”
(O Nível de – João Bosco).

O quarteto¹⁵ pesquisado é composto por Expedito, que tem 21 anos de idade, é solteiro, tem o Ensino Médio incompleto, mora com os pais, desempregado, desde sempre morou em Olhos Cristais e tem postura mais libertária. Outro rapaz é Joaquim, que tem 20 anos de idade, Ensino Médio incompleto, mora com os pais, é estudante, sempre habitou a comunidade e é um jovem bem extrovertido. Chico também compõe este grupo, ele tem o Ensino Fundamental incompleto, com 19 anos de idade, está sem emprego, mora com os pais, reside no sítio desde seus 6 anos e é bem aventureiro. Para fechar, Antônio tem 23 anos de idade, é casado com uma moça, tem trabalho fixo, com o Ensino Fundamental incompleto, mora com

15 Os nomes apresentados são todos pseudônimos por conta da preservação da identidade dos rapazes.

familiares, residente desde a infância na comunidade e é um rapaz de temperamento amigável. Os rapazes elencados foram selecionados a partir de observações exploratórias que apresentaram a existência de boatos sobre o passado deles, referentes à prática sexual com outro rapaz. E outro requisito para esta seleção foi a proximidade existente entre pesquisador e interlocutores, em que se tinha um maior vínculo de amizade com os listados.

Nos relatos dos rapazes pesquisados, a primeira relação sexual ocorreu por volta dos 13 aos 15 anos de idade. Foi importante saber que a iniciação sexual de todos os pesquisados se deu com um outro garoto e segundo eles a grande maioria dos meninos da comunidade também passou pela mesma experiência, que poderia ser situada como “*casa dos homens*, ou seja, um lugar [momento] onde a homosociabilidade, na qual emergem fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade, pode ser vivida e experimentada em grupos de pares” (WELZER-LANG, 2001). Inúmeros fatores podem ser influentes nesse tópico, desde o começo da puberdade até a proximidade entre eles nesta fase vivida. A relação sexual com uma garota se dá dos 15 aos 17 anos, e todos eles em nossas primeiras conversas enfatizaram: “Mulher é fora do normal”; “é bom demais cara”; “foi muito, muito bom”; “Mulher é muito melhor”. Como se tratava das interlocuções iniciais, eles argumentavam a favor de uma masculinidade intrínseca, em contrapondo a uma possível homoafetividade.

Para os rapazes pesquisados só se perde a virgindade quando há penetração: “Desde os 10 anos que eu “pimbava” [encostava pênis com pênis] com os meninos, só que não entrava nada (risos), então isso para mim não é sexo, sexo é quando come” (Chico). Várias colocações vão perfilhar essa ideia, muito embora eles já tenham iniciado a vida sexual antes de realizar um ato com penetração. Antônio falou que antes de “fazer sexo” já tinha “batido punheta” com outros meninos: “eu batia pra ele, ele batia pra mim, era assim”.

Joaquim relatou que praticava sexo oral desde seus 11 anos de idade, antes mesmo de “transar”, aos 13. Expedito já masturbou um garoto mais velho antes de deixar de ser virgem. Logo, masturbação coletiva, masturbação para meninos mais velhos, pimbadas, sexo oral, são atividades sexuais desenvolvidas pelos rapazes rurais anteriormente à penetração em si e todas estas estão inclusas dentro da dinâmica que envolve a prática sexual gay entre os rapazes rurais.

Posterior a este período de “preliminares”, começam os troca-troca, que é um sistema de reciprocidade no ato sexual, onde se penetra e é penetrado, nas palavras de Expedito: “é tanto dar como comer, entre duas pessoas ou até mais”. O troca-troca, segundo os rapazes, “é só uma fase... depois a pessoa ou só come, ou só dá” (Joaquim). Geralmente o troca-troca é porvindouro à penetração primária. Os rapazes mostraram-se receosos ao falarem sobre este ponto, isto por conta da passividade vivenciada no ato, que para eles é sinônimo de feminilidade. No geral, comentam que não passou de duas vezes a prática do troca-troca. Embora falem muito que “fulano trocava com beltrano”, e afirmem que é uma atividade recorrente na zona rural, principalmente no período da adolescência, e que há uma grande probabilidade de todos os garotos já terem participado desse sistema. “Se conta nos dedos os meninos que nunca trocaram” (Chico).

Durante a pesquisa estivemos visitando diversos espaços de sociabilidade da comunidade, um destes foi o único bar existente na comunidade. Em um determinado momento, dois senhores de em média 50 anos de idade estavam discutindo sobre masculinidade, buscando enaltecer os próprios egos dizendo que tinham namorado muitas mulheres bonitas e gostosas. Até que um desses homens, tentando rebaixar seu colega, diz: “você dava o cu mais que padre, vivia trocando os ‘cu’ mais fulano e beltrano [risos]”, sem negar o outro homem acrescenta: “você também num trocava nadinha, hein?” Nesta hora todos no bar caem na gargalhada. Contudo, a informação

foi de grande importância para perceber que o troca-troca não é algo recente e além do mais pode ser definido até como parte da tradição da comunidade, já que este persistia até a atualidade, uma fala de Antônio comprova isso: “Um dia desses tinha um boato que estavam trocando, uns meninos aí... todo boato tem um pouquinho de verdade, pode acreditar”.

Nos diálogos, os interlocutores comentavam pouco sobre o troca-troca, já que eles também eram penetrados e isso implicava em uma feminilização, onde para eles masculinidade se baseia no papel ativo nas relações sexuais, em que o penetrador se legitima como superior, “feminizando” o penetrado. Como na sociedade e fortemente no meio rural o ativo na relação homossexual sofre menos crítica e frequentemente consegue aumentar sua imagem de macho “comendo as bichas”, eles buscavam sempre exaltar uma masculinidade/atividade relacionada à penetração, querendo se relacionar apenas com gays efeminados (geralmente da cidade), para transparecer uma identidade aceita ao âmbito público, sendo que nas particularidades e privacidade rompiam com todos os conceitos preestabelecidos.

Sobre os atos sexuais, Antônio e Expedito, cada um, transaram com quatro rapazes. Já Joaquim e Chico contabilizaram seis, individualmente. Com exceção de Expedito¹⁶ todos tiveram relação sexual mais de uma vez com um único garoto e já foram penetrados. Todos já praticaram sexo oral e foram “ativos” em relações sexuais. Os ambientes em que ocorriam os atos eram comumente o mato e as casas abandonadas, poucos aconteceram nos domicílios.

Questionados se as pessoas da comunidade sabiam dessas práticas, eles respondem que não: “era tudo feito escondido” (Chico),

16 Nos diálogos com Expedito, este se apresentava muito receoso e ao mesmo tempo curioso. Certa vez, disse que tinha medo de ser penetrado e gostar, por isso não praticava.

só quem sabia eram os garotos que praticavam, “depois do sexo, nós não ‘falava’ pra ninguém e nem entre nós” (Expedito). Uma vez ou outra virava fofoca na comunidade, isso quando vazava alguma informação (comumente proferida por um “penetrador”), sempre os familiares (dos penetrados) eram os últimos a saberem e quando sabiam “o jeito era negar até a morte” (Joaquim). Quem estava sendo comentado na fofoca ficava marcado por um bom tempo, quando era visto com qualquer outro garoto, o povo já dizia que “trocaram ou vão trocar”.

As práticas sexuais homoafetivas proporcionavam prazeres, segundo o quarteto. Todos gostavam do que “faziam”, é para tanto que não foi só um único ato. “Era uma aventura pra mim... gostava, pois me dava prazer, eu gozava” (Expedito), “Sentia tesão, né? O prazer também... Sexo é demais.” (Antônio), “Eu ficava pensando comigo mesmo, isso é errado. Só que era muito bom, e eu num consegui parar de fazer.” (Joaquim), “Gostava demais, era diferente... algo novo e bom” (Chico). Este gozo se limitava apenas ao viés sexual. No quesito afetividade a roupagem era outra.

Deste modo, o beijo, como um ato de homoafetividade, é importante ser analisado. Conforme relataram o beijar acontece em uma situação esporádica. Todos só beijaram um único rapaz. De forma geral, acharam diferente/estranho o acontecido. Para eles o que pesava, na época da adolescência, era principalmente a questão sexual, consecutivamente repudiavam qualquer relação afetiva que pudessem estabelecer com outro homem. Nos relatos detalhados sobre os atos sexuais foi possível notar a ausência de afetividade. Segundo eles “quem beija homem é viado” (Expedito), “abraçar homem é viadagem demais” (Antônio), “se for pra tocar um corpo, vou tocar de uma mulher, não de um macho” (Chico). Ao tentar apreender o que submergia essa lacuna, detectou-se um medo à afabilidade que pudesse se estabelecer com outro homem. Para os rapazes rurais a relação sexual gay é tão somente sexual isto correspondente à

adolescência, a demonstração de carinho deve-se dá, tão somente, para/com uma mulher.

O quarteto afirma, em uma média geral, que no mínimo há um ano e meio não tiveram nenhuma relação homossexual. E sobre a possibilidade de uma prática sexual gay na atualidade, nas primeiras conversas os rapazes diziam: “Eu não tenho preconceito com nada, acho completamente normal tudo isso, só não quero mais.” (Expedito) “Pode ser que aconteça, mas no momento não sinto nenhuma vontade.” (Joaquim). “Mas quando fiz, eu fiz porque também sentia prazer, só que hoje não sinto mais vontade.” (Antônio). “Nunca digo nunca, quem sabe, né? Se um dia rolar, rolou”. (Chico). Essas afirmações irão chocar com outras colocações que as contradizem, ditas nos derradeiros diálogos, por fim denotará uma identidade confusa e até contraditória.

Para Hall (2006) a existência destas contradições identitárias é normal, pois “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Mediante a circunstância, o espaço e o tempo em que vivem, esses rapazes performatizam identidades (sociais e sexuais) que mudam constantemente, almejando uma convivência pacífica e distante de preconceitos em uma realidade tão conservadora e opressora que é a rural. Necessita-se assimilar que as identidades contraditórias se deslocam mutuamente, atuando tanto fora, na sociedade, quanto dentro da cabeça de cada indivíduo, alterando assim as subjetividades performatizadas.

A confusão estabelecida na mente desses rapazes se dá também por conta do pouco conhecimento. Nenhum deles conhecia sequer as palavras homossexual, heterossexual e bissexual, muito menos os respectivos significados. Para eles existem viado/bicha, homem/macho e a pessoa gilete/espada. A palavra gay é conhecida. Solicitados para definir o que seria uma pessoa gay, dizem: “é um

homem que gosta de homem, é tanto quem dá, quanto quem come” (Chico), “é um homem que beija homem... que faz sexo com homem” (Antônio), “homem que sente prazer com homem” (Joaquim), “é uma pessoa como qualquer outra... que sente desejos por homens” (Expedito). Buscaram transparecer uma aceitação, que na prática se configura oposta.

Nas últimas conversações, em que já se tinha estabelecido um laço de confiança, os rapazes bem mais à vontade, falaram sobre suas orientações sexuais: “gosto de pessoas... sinto desejos pelos dois sexos” (Expedito), “corto pros dois lados” (Joaquim), “gosto de mulher, mas gosto de homem também” (Antônio), “Meu negócio é mulher, mas se vier homem eu ‘traço’ também” (Chico). Poderia identificá-los como bissexuais¹⁷, mas para a comunidade eles continuam a identificar-se como heterossexuais, isto é, homens/machos. Desta forma possuíam uma identidade dupla, que para o “eu” assumem uma dimensão e para o “outro” uma completamente diferente, ou melhor, nas palavras de Costa (2009) “os discursos desses sujeitos não elegem o fato de que manter relações sexuais com parceiros do mesmo sexo seja um elemento definidor de suas identidades, na verdade eles se dirigem menos às identidades e se concentram mais nas práticas sexuais”.

Confrontando essas asseverações que não descartam uma possível relação homossexual com as anteriormente citadas sobre a probabilidade de uma “transa” nos tempos atuais ao qual descartaram, é inteligível que o discurso mude por conta de uma identidade descentrada, nas palavras de Hall (2006) “as identidades modernas, ou melhor, pós-modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas (...) esse deslocamento desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações”. Além das identidades, o gênero, na concepção pós-

17 Estas colocações foram postas, prosaicamente, quando estávamos interpretando nossos desejos e rótulos.

moderna pode ser mutável; pensam que existem múltiplos gêneros, e não apenas o masculino e o feminino (GROSOSI, 2004). Justamente o que os rapazes rurais fazem ao romper com uma tradição conservadora, assumindo uma identidade e um gênero não normativo.

Além do mais, Hall perfilha que “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais podemos nos identificar”, podendo assumir então, identidades diferentes em momentos distintos. Desta forma, a identidade passa por um processo de formação e transformação contínua em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Nas palavras de Tota (2013) “as identidades longe de constituírem entidades estáveis, estão imersas em jogos contraditórios, marcados pela ambivalência, adquirindo vida num processo de formação sempre inacabado”.

As sociedades modernas têm como característica a mudança constante, rápida e permanente. A vivência das modificações, advindas principalmente da globalização, representam um processo de transformação fundamental e abrangente para a performance das identidades pós-modernas. A pessoa pós-moderna é apreendida como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006).

4. DESFECHOS QUE NÃO TÊM FIM

“Eu deixei aquela vida de lado
E não sou mais um transviado
Não me puna por essas manchas no meu passado
Já passou, esses rapazes são apenas meus amigos”
(Calúnias, Telma Eu Não Sou Gay – Ney Matogrosso).

A princípio, os rapazes pesquisados residentes na comunidade rural Olhos Cristais faziam jus ao trecho da música *Calúnias, Telma Eu Não Sou Gay*, ressaltavam que as experiências sexuais gays tinham sido “águas passadas”, uma fase da vida que tinham deixado de lado. Realmente essas práticas se situam veemente na adolescência, mas transcendem o passado remoto, trazendo resquícios à contemporaneidade. Em um determinado momento da pesquisa, ao efetivar os diálogos particulares, senti uma mudança de comportamento por parte de todos os interlocutores, que levantavam insinuações sobre a concretude de uma vontade que tinham, e esta seria a consumação de um ato sexual e afetivo com outro homem nos dias de hoje, por diversos momentos indiretas foram justapostas a mim. A partir de então se fundamentou, de fato, a conclusão que os rapazes rurais executariam uma transa gay na atualidade e que esta expressaria não só o viés sexual como também o afetivo.

Como Fry (1985) pontua “a própria heterossexualidade é construída socialmente e socialmente construída como padrão universal de toda prática sexual ‘normal’”, onde todos os comportamentos, espaços, valores e identidades devem seguir os princípios da heteronormatividade. Segundo Moreira (2012, p. 257):

“o enquadramento do comportamento humano nas categorias de normalidade/anormalidade torna-se uma espécie de dogma cientificamente garantido a partir do século XIX. As práticas sexuais passaram dos domínios da religião para os da ciência, com sua postura higienista. Dentre estas, as práticas entre pessoas do mesmo sexo deixaram de ser meras práticas e foram designadas de *homossexualismo*.”

A oposição hetero/homo é algo muito recente. A homossexualidade ainda é tratada, na prática, como uma indigesta mistura de pecado, sem-vergonhice e doença. Esta captação se fortifica em um ambiente rural conservador, que cotidianamente oprime e discrimina os praticantes. Desta forma, o medo recai sobre o “rótulo”, no qual os rapazes sabem que os gays sofrem um descrédito

social muito grande no ambiente rural, e conseqüentemente prefeririam não ter que se submeter a estas novas categorias sociais que tendem a empurrá-los para “guetos” estanques.

Muito embora exista um poder influente e coercitivo da sociedade no processo performativo da identidade dos jovens do campo, em que se moldam de acordo com valores e costumes nativos a fim de obter uma convivência pacífica e longe de opressão, eles conseguem dinamizar uma prática sexual homoafetiva que transcorre desde masturbação coletiva entre garotos, sexo oral recíproco ou não, masturbação para meninos mais velhos, sexo anal, quando mútuo chamado de “troca-troca”, até os pontos de afetividade como o beijo, o abraço e as carícias ao corpo. Sendo que decorrem por toda a vida em um constante processo de amadurecimento e descobrimentos.

Para concluir questiono: qual pessoa se denominaria como homossexual em um espaço de extrema reclusão? Talvez esta indagação esclareça, em parte, a motivação da não existência de gays declarados na comunidade, bem como, os pretextos da denominada “diáspora gay”. Tendo em vista que a identidade, então, costura o sujeito à estrutura e esta estrutura é influente no processo construtivo da identidade, os jovens rurais performatizam identidades referentes ao “eu” ligado às subjetividades e ao “outro” relacionado à sociabilidade, que por sua vez, faz com que a identidade adote formas muitas vezes contrastantes. A identidade dita contraditória, pelo menos na zona rural, pode ser compreendida pela associação dos comportamentos e atitudes aos espaços e às formas de sociabilidade, que dependendo das circunstâncias adotam uma identificação aceitável, mas nunca deixando de usufruir dos variados prazeres que a vida tem a proporcionar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.

COSTA, Adriano H.C. **Homens que fazem Sexo com Homens (HSH): Uma categoria, muitos significados**. Artigo apresentando na ANPUH – XXV simpósio nacional de história – Fortaleza, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2011.

FRY, Peter. MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONTIJO, Fabiano. COSTA, F.C.S. **“Ser Traveco é Melhor que Mulher”**: considerações preliminares acerca das discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade no mundo rural piauiense. Bagoas, n. 08. 2012. p. 171-186.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: Uma Revisão Teórica**. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINS, Emerson; ROSA, R. Machado. **Jovens homens homossexuais na zona rural e heteronormatividade: resistências e processos de subjetivação**. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. p. 1-12.

MOREIRA, Adailson. **A homossexualidade no Brasil no século XIX**. Revista Bagoas n. 07, 2012, p. 253-279, Natal/RN.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. Revista Bagoas. n. 05. 2010. p. 17-44

TOTA, Martinho. **Eixos, nexos e câmbios da diferença**: discursos e trajetórias políticas envolvendo etnicidade, homossexualidade e religião. Revista Bagoas, n. 09, 2013, p. 295-322, Natal/RN.

VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WELZER-LANG, Daniel. **A Construção do Masculino**: dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, Ano 9, 2º Semestre, 2/2001. p. 460-482.